

INSTITUTO CATOLICO DE ENSINOS SUPERIORES PIAUÍ – ICESPI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

FRANCISCO ASSIS CANDEIRA DOS SANTOS

CONCEPÇÃO DE ESTADO PERFEITO SEGUNDO THOMAS MORE

TERESINA – PI
2013

FRANCISCO DE ASSIS CANDEIRA DOS SANTOS

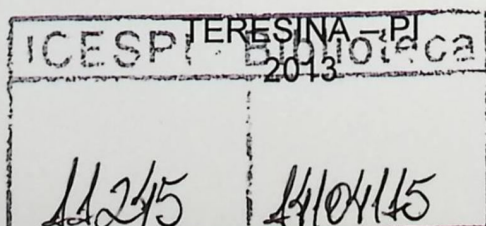
CONCEPÇÃO DE ESTADO PERFEITO SEGUNDO THOMAS MORE

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Ensinos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em filosofia. Sob a orientação Pe. Ms. Prof.º José Anchieta Arrais de carvalho

CONCEPÇÃO DE ESTADO PERFEITO SEGUNDO THOMAS MORE

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Ensinos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em filosofia. Sob a orientação Pe. Ms. Prof.º José Anchieta Arrais de carvalho

cod. 4832
100
J237e



FRANCISCO DE ASSIS CANDEIRA DOS SANTOS

CONCEPÇÃO DE ESTADO PERFEITO SEGUNDO THOMAS MORE

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Ensinos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em filosofia. Sob a orientação Pe. Ms. Profº. José Anchieta Arrais de carvalho.

Aprovado com conceito _____
Teresina, ____ de _____ 2013

Banca examinadora

Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Ms. Profº. José Anchieta Arrais de carvalho

Examinador (a) – 1

Examinador (a) – 2

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por estar sempre presente em cada momento de minha vida e me dando forças e não me deixando desistir nas situações, mas adversas da vida. Agradeço a meus pais, minha família, meus amigos, dos quais destaco dois Thiago e José Marcos, pois estes me ajudaram muito, por isso sou grato a eles. E também as pessoas que me ajudaram durante esses três anos que passei aqui no seminário. Quero também lembrar todas as pessoas que conheci durante todas as minhas atividades e trabalhos realizados nas minhas pastorais. Deus abençoe a todos.

RESUMO

O presente trabalho terá como objetivo principal transmitir o pensamento político de Thomas More com relação ao Estado, com isso identificar em sua principal obra, a utopia a melhor forma de governo. Este trabalho será elaborado de três momentos: na primeira parte será mostrado o contexto histórico do autor, como economia, sociedade etc. na segunda parte iremos conhecer as estruturas políticas ideais na visão de Thomas More, e por fim, ver as implicações de sua filosofia política para os dias atuais, e fazer uma relação como o Movimento Sem Terra (MST).

Palavras-chave: Sociedade. Política. Utopia. Estado. MST.

ABSTRACT

O presente trabalho terá como objetivo principal transmitir o pensamento político de Thomas More com relação ao Estado, com isso identificar em sua principal obra, a utopia a melhor forma de governo. Este trabalho será elaborado de três momentos: na primeira parte será mostrado o contexto histórico do autor, como economia, sociedade etc. na segunda parte iremos conhecer as estruturas políticas ideais na visão de Thomas More, e por fim, ver as implicações de sua filosofia política para os dias atuais, e fazer uma relação como o Movimento Sem Terra (MST).

Palavras-chave: Sociedade. Política. Utopia. Estado. MST.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 THOMAS MORE E SUA ÉPOCA	9
2.1 A Inglaterra dos séculos XV e XVI	9
2.2 Thomas More vida e obra	12
2.3 Definição de Estado Ideal	14
2.4 A Utopia de Thomas More	16
3 ESTRUTURA POLÍTICA DO ESTADO PERFEITO	18
3.1 Governo e o Sistema Político	18
3.2 As Leis	22
3.3 Sociedade e a forma de trabalho	23
3.4 Sistema Religioso	26
4 INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA POLÍTICA DE THOMAS MORE NA ATUALIDADE.....	28
4.1 Influência de More na política atual	28
4.2 MST como Utopia contemporânea	30
4.3 Utopia, sonho ou realidade	34
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Em sua essência o homem é considerado um ser político, em sua existência ele sempre buscou viver em sociedade, e tudo isso só pode ser exercido dentro do estado. O homem precisa da sociedade ou do Estado para desenvolver as suas capacidades de cidadão e com isso chegar à felicidade.

Levando em consideração esses questionamento citados acima, o presente trabalho terá a intenção de transmitir o pensamento político de Thomas More, como este pensa o Estado ideal, tendo como base fundamental a sua principal obra, a utopia. A finalidade aqui é transmitir em sua concepção o Estado Ideal e também conhecer os vieses que contribuíram para sua linha de pensamento e suas implicações para os dias de hoje. Também será mostrada a relação da filosofia política moreana com o movimento sem terra (MST).

Assim como Thomas More estruturou uma sociedade onde todos pudessem viver de forma honesta, a seguinte pesquisa desenvolverá as estruturas necessárias para que o homem alcance a vida feliz. Mas para chegar a essa dimensão, um sistema de governo bem organizado é a peça fundamental, para que de fato o homem possa alcançar os seus objetivos. Como chegar a essa felicidade? Quais os passos a serem dados? Como deve ser o sistema político e as regras nesse estado pensando por More? E como seriam as leis dentro desse estado ideal? Depois de ter mostrado essas problemáticas este trabalho discorrerá em três partes tentando solucionar as perguntas citadas acima.

Em um primeiro momento será mostrado o contexto em que viveu Thomas More, a sociedade de seu tempo, sua vida e obras e os motivos que influenciaram sua filosofia política. Pois, as reflexões filosóficas para que tenham bom êxito deve ser elaboradas a partir de fatos ou dados concretos. Por isso, a análise de seu tempo é importante, porque serão compreendidos os motivos que inquietavam o pensamento de Thomas More.

No segundo capítulo serão abordadas as formas ou estruturas do estado ideal na concepção de Thomas More, em sua visão este sistema deve ser uma estrutura que tenha bases que possa gerar ou criar possibilidades para garantir a harmonia e a felicidade da sociedade. Nesse sistema segundo More deve conter: um bom representante do povo, leis justas, um sistema social sem classes, trabalho para

todos e também a religião deve fazer parte dessa política como forma de orientar as pessoas.

E, por fim, as implicações de seu pensamento para os dias atuais, que seria sua influência na política atual, movimento sem terra como utopia contemporânea e a distinção entre pensamento utópico e sonho. Portanto, essa será as três partes deste trabalho.

A contribuição dessa pesquisa científica será de grande importância às demais sociedade, pois os assuntos citados aqui são temas para fazerem reflexões e assim, chegar a uma forma de governo honesta e com isso alcançar a vida feliz.

1 THOMAS MORE E SUA ÉPOCA

O objetivo deste trabalho é apresentar o contexto de Thomas More, a Inglaterra do século XV e XVI, vida e obras, definições do Estado Perfeito e a apresentar a Utopia.

1.1 A Inglaterra dos séculos XV e XVI

No período que corresponde aos séculos, XV e XVI, a Europa passava por grandes transformações, (teológica, estática e dogmática). Assim, para Bittar, (2009, p. 251), "conceitos, valores e dogmas passam a partir do advento de novas ideias, a ser reanalisados e contestados" E todos esses acontecimentos foram bem visíveis na sociedade inglesa, cujo Rei era Henrique VII.

E onde estariam esses acontecimentos? Quais os fatores que influenciaram essas transformações? Segundo Bittar e Almeida, essas transformações ocorreram do seguinte modo.

Na transição entre os séculos XV e XVI, enfrenta momento de mudanças profundas em relação aos pensamentos e as instituições medievais, marcados ainda fortemente pela influencia teológica, estática e dogmática. Conceito, valores e dogmas passam a partir do advento de novas ideias, a ser reanalisadas e contestadas, sob um novo prisma, caracterizados essencialmente pelo intenso racionalismo e pela valorização dos problemas de ordem secular: é o humanismo que irrompe como filosofia de vida, como movimento intelectual, artístico etc. (ALMEIDA; BITTAR, 2009, p.243).

Assim, todas essas transformações, citadas por Almeida e Bittar, tiveram resultados de grandes proporções, como por exemplo, a cisão entre o Rei e a Igreja de Roma. Tudo isso ficou contestado na sociedade inglesa, no governo de Henrique VII. A principio, ele foi um bom governante, porque era preocupado com o bem de todos, pois diante das situações daquela época, onde a Inglaterra corria o risco de ser anexada a coroa espanhola, devido à morte de seu irmão mais velho Arthur, ele soube reestruturar a autonomia da corte inglesa ao casar-se a viúva de seu irmão. Com o passar do tempo é seu governo resumiu-se em realizações pessoais, como por exemplo, seu divorcio com Catarina e seus diversos matrimônios. Cf. disponível em: <http://molhosingles.com/a-pestre-negra-na-inglaterra/> Acesso em 28/09/2013

E quem foi Henrique VIII? Foi um poderoso monarca inglês que governou a Inglaterra em períodos bastante difíceis. Ele tomou posse da coroa inglesa em 1509.

Nesse mesmo período, casou-se com Catarina de Aragão, mulher de um caráter admirável e muita respeitada viúva de seu irmão, filha do Rei espanhol Fernando de Aragão. Seu reinado é lembrado na história pelo impasse entre o Rei e a Igreja de Roma, que posteriormente dentro de seu reinado ocasionaria a fundação de um novo sistema religioso: A Igreja Anglicana.

As mudanças que abalaram a sociedade inglesa, segundo o pensamento de Thomas More, estariam ligadas diretamente a vontade do Rei. Para ele, Henrique VIII no início era muito cuidadoso com as funções do reino e com o bem estar das pessoas, embora fosse muito jovem soube administrar muito bem o sistema político inglês, dando sequência à dinastia dos Tudor.

Nesse período a Europa e a Inglaterra sofreram grandes calamidades, como a peste negra, uma doença que negativamente fez com que o reino passasse por situações econômicas fragmentadas.

A diminuição da população causou uma escassez de mão de obra, com posterior aumento de salário. As classes latifundiárias tentavam travar esse desenvolvimento através de medida legislativo e punitivo, levando a um profundo ressentimento entre as classes mais baixas.¹

Portanto, os motivos que levou a fragmentação foram à grande taxa de mortalidade, ou seja, muitos dos ingleses acabaram morrendo com isso gerou uma falta de mão de obra na sociedade. Thomas More nesse período desfrutava de muito prestígio diante do rei. Segundo Nieto, More "gozava da confiança e da amizade do Rei que o chamava frequente vezes para consultá-lo sobre assuntos de governo". Mas, com o passar do tempo muitas mudanças começaram a ocorrer, pois o Rei almejava uma separação com a igreja católica, pois esta não compartilhava com seu ideal.

O principal motivo dessa separação foi justamente a anulação do casamento do Rei com Catarina de Aragão, pois a igreja não aceitou o pedido do Rei, isso gerou uma revolta na corte inglesa a ponto da Inglaterra criar funções religiosas próprias. A consequência desse impasse entre o Rei e Igreja de Roma gerou a cisão e o surgimento de uma nova doutrina que era conivente com as vontades do Rei. Com isso surgiu na Inglaterra a Igreja Anglicana.¹

Em outras palavras, a separação com Roma tem como pano de fundo mais um cunho político do que religioso, por três motivos alegados pela corte: o privilégio

¹ Cf. disponível em: <http://molhosingles.com/a-pesto-negra-na-inglaterra/> Acesso em 28/09/2013

dos sacerdotes, a grande concentração de terras e as contribuições financeiras que a Inglaterra devia mandar a Roma, segundo Nieto.

Devido a essa separação com Igreja de Roma o Rei, agora ele podia tomar todas as decisões, religiosas, políticas, sociais. Assim, ele conseguiu com suas próprias mãos alcançar seus objetivos, como a anulação de seu casamento e a separação entre Estado e Igreja de Roma. Mas, essas conquistas tiveram seus contribuintes como o parlamento inglês.

Em 15 de maio de 1532, a instância de Cromwell², a Câmara dos comuns apresentou à Coroa um *supplication* em que se alinhava uma longa lista de acusações contra o clero. Novamente aterrorizados, os bispos assinaram um documento de *submission* que delegava incondicionalmente no Reino o poder de legislar em matéria eclesiástica. O cisma era agora um fato. Na manhã seguinte, Sir Thomas renunciava ao cargo. (NIETE, 1987, p.32).

Depois dessa decisão agora o Rei Henrique “senhor supremo” era quem tomava todas as decisões tanto exercia poder sobre o Estado como também o poder eclesiástico.

Não concordando com a atitude do Rei, Thomas More, renunciou o cargo de chanceler da corte inglesa e a consequência de sua atitude foi à prisão decretada pelo parlamento que o tinha como traidor.

Com a prisão de More perdeu todo prestígio que um dia tivera, passando agora a viver em uma torre sem nem um privilégio.

Depois desse acontecimento toda a Inglaterra passou por grandes mudanças e isso em todos os campos, religioso, políticos, etc. Agora a estrutura política inglesa estava centrada nas mãos do rei Henrique VIII. Devido a isso a igreja católica não tinha nenhuma influência, agora o Rei junto com seus ministros era quem tomavam todas as decisões, esse novo sistema gerou uma ruptura total com a igreja de Roma. Depois dessa separação surgiu na Inglaterra o anglicanismo, esse sistema tinha quase os mesmos ritos católicos, mas a diferença era que os bispos e sacerdotes prestavam obediência ao Rei e não ao papa.

Portanto, esses acontecimentos tiveram grandes influências na sociedade inglesa, pois a partir de então toda a Inglaterra sofreu diversas mudanças, tanto no

² Normalmente visto como vilão, responsável pela morte de Thomas More e por expulsar a Igreja Católica da Inglaterra, Cromwell ganhou notoriedade por ter saído de uma infância pobre e conquistado um título de nobreza e o cargo de chanceler de Henrique VIII numa época em que a palavra meritocracia não significava nada. Cf. disponível: < <http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/livros-da-semana/o-incrivel-destino-de-thomas-cromwell/> > Acesso em 25/08/13

cenário religioso, político e social. Mas o que influenciou fortemente nessa nova estrutura foi justamente o rompimento com a igreja, pois as mudanças só começam a acontecer a partir dos conflitos com a igreja de Roma.

1. 2 Thomas More vida e obra

Thomas More nasceu em Londres em 07 de fevereiro de 1478. Desde muito jovem Thomas More, já desenvolvia grandes qualidades intelectuais, era uma pessoa muito prestativa e isso correspondia a todas as suas atividades principalmente nos estudos.

Por ser esforçado nos estudos ele tinha bastante prestígio diante dos intelectuais e autoridades de sua época, como o Cardeal Morton³ que fora apresentado por seu pai e sentia grande admiração pelo jovem Thomas More. O convívio com Morton ajuda a More a adquirir modos requintados e uma ótima educação e isso contribuiu para que ele desenvolvesse grandes aptidões.

No convívio com Morton, o pajem aprendeu discrição e modos requintados, escutou conversas à mesa entre gente importante, teve notícia de acontecimento da vida política e diplomática. Além disso, começou a familiarizar-se com os clássicos e com outras obras editadas em inglês. E assim adquiriu os rudimentos de uma educação que viria a dar-lhe uma extraordinária desenvoltura na vida da Corte. (NIETO, 1987, p.6)

Aos quatorze anos, More já era dono de um extraordinário e vasto conhecimento e isso fez com que desde muito jovem já começasse seus estudos em Oxford e Inns. Sua vida era concentrada, dedica-se a maior parte de sua vida aos estudos, mas também era bastante voltado para a oração e contemplação para vida religiosa. Essas qualificações eram frutos da influência do humanismo cristão, ou seja, Thomas More leu grandes figuras do pensamento cristão, nesse período ele tem ligação direta com Erasmo de Rotterdam.

A obra que Thomas More desenvolveu todo o seu pensamento político é intitulada Utopia, que quer dizer lugar que não existe, mas para alguns quer dizer quimera. É nesta obra que More descreve a verdadeira forma ou estrutura de Estado político.

³Cf. NIETO, J. C. Thomas More um Homem para a Eternidade. Ed. Quadrante, São Paulo, 1987. P.5-6. Morton era a figura naqueles anos. Nomeado Lord-chanceler do reino unido, tinha protagonizado momentos críticos da história do país e contribuíra decisivamente para a elevação ao trono de Henrique VIII ao trono, pondo fim a longa contenda entre as casas de York e Lancaster envolvidas nas guerras dos cem anos.

A obra que deu fama imortal a More foi a Utopia, título elevado à denominação de um gênero literário antiquíssimo, muito usado antes e depois de More, representando uma dimensão do espírito humano que, através da representação mais ou menos imaginária do que não existe, apresentação que deveria ser ou como o homem gostaria que a realidade fosse. (REALE, p.132,2003)

Thomas More, quando alcançava seus vinte anos já se formava em advocacia, era considerado um grande jurista, e não tinha um caso que ele não resolvesse. E se tratando de Leis, era uma pessoa honesta, por ter essa fama de homem bom e dedicado todos sentiam por ele muita admiração. Devido a sua dedicação foi convidado a exercer um cargo na Corte da Inglaterra e depois a pedido do rei Henrique VIII foi nomeado a função de ocupar a chancelaria inglesa.

Em meio a tantas mudanças e convulsões sociais, religiosas, econômicas e até políticas, Thomas More (1478 – 1535) destacou-se por sua luta intelectual, propondo uma possível solução utópica em seus pensamentos filosóficos. Como chanceler e humanista, porfiou pela defesa da Inglaterra e de seus interesses, além de manter-se fiel a suas convicções religiosas cristãs e sua honestidade político-jurídica. (ALMEIDA; BTTAR, 2010, p. 269)

Devido ao grande prestígio e influência que tinha Thomas More diante do Rei, todas as suas decisões eram examinadas antes por ele, pois segundo Henrique VIII, este era o mais preparado de todos. A partir de então todos os assuntos importantes com relação ao reino era More que cuidava. Isso gerou descontentamento da corte com ele, com isso, More passa a ser mal visto pelos parlamentares do Rei, pois muitos deles queriam ocupar o seu lugar no cargo de chanceler, por ser o mais importante cargo da corte.

Mas devido às crises que estavam acontecendo naquela época entre Henrique VIII e a igreja católica, Thomas More agora era tratado de outra forma. Essa mudança aconteceu porque o rei foi consultar ele sobre o assunto do seu divórcio, porém, para a concepção de More em se tratando desses assuntos não poderia ajudá-lo, pois esses temas são relacionados aos sacramentos da Igreja Católica onde ele não era perito, assim, como não conhecia esta área não poderia ajudá-lo.

Devido a essa resposta de não poder ajudar o rei, ocasionou na prisão e condenação de Thomas More em uma Torre, mas diante desse acontecimento ele não se deixou abalar, ou seja, aproveitou para escrever e realizar meditações da vida de Jesus Cristo.

Thomas More viveu num calabouço da Torre de Londres até o dia da sua morte, em julho de 1535. Sabendo o que o aguardava, preparou-se do melhor modo possível, dedicando-se intensamente à oração, à meditação da paixão de Cristo e ao exame da sua vida. Nos primeiros meses, teve certa liberdade de movimentos, podia confessar-se assistir à missa e escrever. Escreveu um Diálogo sobre o consolo na tribulação e um tratado sobre a forma de receber dignamente a Eucaristia. (NIETO, 1987, p.38)

Depois de ter passado mais de nove meses dentro de um calabouço Thomas More foi julgado e condenado à execução, ou seja, sua sentença foi a de ser decapitado e depois esquartejado. Assim, no dia de sua morte toda Inglaterra parou, pois queriam prestar homenagem a ele

Toda Europa se fez eco da morte de More, como se vê pela numerosa correspondência diplomática e pelas cartas com que os humanistas amigos do mártir comunicara a notícia uns aos outros. Erasmo escrevia ao bispo Cracóvia que morrera "melhor e mais santos dos homens que vivera na Inglaterra". (NIETO, 1987, p. 48).

Devido a exemplar e a séria vida que Thomas More teve, mesmo depois de sua morte, ele foi lembrado e considerado Patrono da Igreja Católica como padroeiro dos políticos. Diferente de seus acusadores que nunca foram lembrados e exaltados, Thomas More foi considerado um homem para a "eternidade" devido os seus feitos e sua forma de viver.

Portanto, a vida de More foi sempre voltada à honestidade, nunca se deixou influencia pelo cargo que exercia, foi fiel e convicto a seus ideais, sendo que sua concepção política foi influenciada com seu modo de ver o mundo. Devido ao grande prestígio e influência que tinha Thomas More diante do Rei, sua vida teve uma grande ascensão que foi o de ser muito próximo ao Rei. Assim, a partir dessa experiência pensou uma política diferente de seu tempo.

1. 3 Definição de Estado Ideal

O Estado é uma instância ligada à política ou um sistema de normas onde são exercitadas em uma sociedade. Já nas civilizações primitivas os homens buscavam a vida em comum, ou seja, viver em grupos. E quais os motivos para isso? Como se comportar nesses grupos? Portanto, a partir desses

questionamentos a política era necessária para facilitar a organização dos homens na sociedade ou comunidade.

Os motivos que levaram os homens a se organizar em grupos foi justamente às necessidades de mão-de-obra. Pois, onde as pessoas se organizavam a vida torna-se melhor, porque facilita o trabalho, e essa organização estaria dentro do *Estado* ou *Polis* para os gregos. E a política e Estado são intrínsecos, ou seja, não existem ambos separadamente.

Polis é uma espécie de comunidade (Koinonia). Como toda koinonia possui seus próprios fins, assim ocorre com a polis, que é a comunidade cívica mais perfeita para a coexistência humana, lugar necessário do ser racional. (BITTAR, 2009, p. 80)

A política é algo intrínseco ao homem. Desde sua origem sempre é e será um animal político (Aristóteles), pois ele é um ser que vive em meios a outros e dessa forma é necessário à arte de governar. Segundo Aristóteles, o homem só conseguirá a felicidade dentro da *Polis* ou *Estado*. Portanto, o Estado tem como finalidade promover para seus cidadãos um caminho para que eles possam viver bem. “A política tem como finalidade a vida justa e feliz, isto é, vida propriamente humana e digna de seres livres”. (CHAUÌ, 2006, p.356).

Partindo desses pressupostos Thomas More elabora toda uma estrutura que de fato, que segundo ele, garantiria a vida feliz dos cidadãos dentro do Estado, assim, ele elabora o que designou *Estado Ideal*. E essa felicidade não estaria em outro lugar se não dentro do Estado ou cidade, mas isso depende muito da forma como essas estruturas são direcionadas para a sociedade.

Thomas More quando descreve sua Utopia como o Estado Perfeito, mostrou basicamente todas as regras e normas para se governar dentro do Estado na qual não se deterá aqui, sendo tratado somente no segundo capítulo. Em sua visão o Estado tem que ter um bom governante, esse tem que estabelecer uma harmonia entre todos os sistemas existente na sociedade, ou seja, a religião, política, governo e sistema social. Portanto, para Thomas More essas seriam os fatores que garantiriam a aquilo que os homens buscaram no decorrer da história que a vida feliz.

1.4 A Utopia de Thomas More

A Utopia foi à principal obra de Thomas More e é neste escrito que ele desenvolveu todo o seu pensamento político. Mas qual o seu significado de Utopia? E como ela esta dividida a obra? Seria somente um sonho ou forma de viver?

Na verdade esta palavra está ligada diretamente ao pensamento de More, pois este termo é de sua concepção. Quando More descreve seu Estado Ideal, que seria a Utopia, ele utiliza a "Utopus" que foi o primeiro habitante desta cidade e fundador dela. A Utopia não seria somente um sonho, mas um ideal, ou seja, um lugar que onde as pessoas pudessem viver de forma humana, onde todos eram visto com pessoa. Este escrito não é somente um lugar de sonhos, mas, seria também uma contradição da sociedade inglesa do tempo.

A Utopia de Thomas More, que se assinala como sendo um escrito contextualizado em meios às utopias renascentistas, sob franca influência e inspiração dos modelos greco-romanos, aborda de maneira crítica as instituições (privadas, monarquia, distribuição de bens, trabalho, participação política popular, etc.) que compunham a conjuntura de então e as repercussões sociais futuras dos problemas ingleses presentes a sua época. Por sua importância crítica, foi muito retomada em outros períodos da história, tendo sido motivo de interessantes repercussões sobre o pensamento ocidental. (ALMEIDA; BITTAR, 2009, p. 271).

O termo contradição, utilizado acima, corresponde a severas críticas que More faz a sociedade de sua época que, de um lado, era marcada por desigualdade, que seria a Inglaterra, e de outro a Utopia, que era o sonho de viver bem, em outras palavras, More não era conformado com o sistema político em que vivia, pois para ele este sistema era muito opressor e desumano.

Mas, a causa dessa repulsa estaria na forma como a política era exercida na sociedade, por tanto, ele não se conformava com o sistema da época. Como também é importante analisar que More não era um desordeiro, ou seja, que ia contra as leis de sua época, mas sim contra a desonestidade do soberano e como o poder estava sendo utilizado. O representante do povo deveria está com o povo ou fazer com acontece a vontade da sociedade, mas isso não era feito, pois o rei estava mais preocupado com as suas realizações pessoais e assim, esquecia-se de seus súditos.

Por tanto, as críticas que Thomas More faz, não são críticas sem fundamento, mas, críticas fundamentadas, e as principais fundamentações seriam as

desigualdades sociais de sua época, ele era um visionário. Portanto, esta seria a primeira parte e a segunda será mostrada a seguir.

Enquanto gênese do termo Utopia, Thomas More elabora uma ligação com seu fundador, como já foram citados acima. O fundador de Utopia na concepção de More seria Utopus, por isso a cidade tem este nome. Quando Utopus conquistou a cidade antiga que se chamava Abraxa, ele fez muitas mudanças até mesmo seu nome foi trocado.

Foi o rei Utopus que dela se apoderou e lhe deu o nome (pois até aí se chamava Abraxa), transformado o povo rude e selvagem que habitava num povo com uma civilização perfeita, que em muitos pontos ultrapassava a de todos os povos. (MORE, 2010, p.54)

A Utopia de Thomas More está dividida em 56 cidades, mas o que é interessante seria o fato que todas as cidades seriam iguais, não existe distinção entre elas, quem conhece uma conhece todas. A principal de todas é Amarauto que seria a capital, é nela que os representantes das outras cidades se reúnem para elaborar projetos e tratarem de assuntos políticos, esses encontros são feitos de quatro em quatro anos.

Utopia na visão de More é um lugar real, ou seja, é a comunidade Ideal para o progresso e vida feliz. E essa felicidade de seus cidadãos estaria na forma que o governante ministrava as leis e regras. Essa estrutura de alcançar o bem está na harmonia de todos, no equilíbrio e na justiça.

Portanto, a filosofia política de Thomas More não serviu somente para sua época, mas pelo contrário foi um marco histórico, pois ao mesmo tempo em que ele apresentava um lugar Ideal também elaborou críticas as estruturas de seu tempo e isso com o intuito de melhorar a maneira de viver da sociedade.

2 ESTRUTURA POLÍTICA DO ESTADO PERFEITO

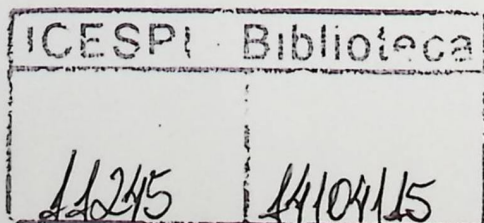
Este capítulo tem como finalidade analisar na concepção de Thomas More as estruturas do Estado Perfeito, como: o governo, política, religião, sociedade e as leis. Pois, segundo More esses seriam os caminhos para garantir a vida feliz dos indivíduos e a maneira correta de governo.

2.1 Governo e o sistema político

A política é algo intrínseco ao homem. Desde sua origem o homem é um animal político e sempre o será, pois ele é um ser que vive em meio aos outros e, por isso, é necessário à arte de governar. Os antigos como Aristóteles diziam que o homem só conseguirá a felicidade dentro da cidade ou comunidade, pois fora dela não conseguirá viver. “quem não pode fazer parte de uma comunidade, quem não tem necessidade de nada, bastando-se a si mesmo, não é parte de uma cidade, mas é fera ou deus” (REALE apud ARISTÓTELES, 2005, p. 208). Portanto, o Estado tem como finalidade promover para seus cidadãos algo para que de fato eles possam viver bem. “A política tem como finalidade a vida justa e feliz, isto é, vida propriamente humana e digna de seres livre” (CHAUÍ, 2006, p.356).

A “verdadeira arte política”, e a arte que “cura a alma” e a torna o mais possível “virtuosa”, sendo, por isso, a arte do filósofo. Assim. A tese que Platão amadureceu a partir do Górgias e expressou tematicamente em Republica é precisamente a da coincidência da verdadeira política. Apenas na condição de o político se tornar filósofo (ou vice-versa) é que se torna possível construir a Cidade autêntica, ou seja, o Estado verdadeiramente fundado sobre o valor supremo da justiça e do bem. (REALE, 1990, p.162).

Segundo Platão, o bom governante deveria ser um filósofo, pois, este era capaz de saber quais as verdadeiras necessidades de seu povo, ele teria grande competência para interpretar a situação política e assim resolver de modo mais fácil os problemas sociais. E isto estaria ligado as suas capacidades de reflexão. E o que é governo? E, quem poderia governar melhor ou exercer de forma mais clara a funções políticas e éticas do Estado? A essas perguntas muitos filósofos tentaram responder dando suas contribuições, mas aqui será mostrado como argumento fundamental a ideia de Thomas More, portanto, serão também apresentadas ideias



de outros filósofos que vão contra sua forma de pensamento com relação ao governante do Estado.

O bom governante não deve ser um opressor ou ditador, mas alguém capaz de buscar sempre o que é melhor para seus súditos, assim o que ele deve estar sempre à procura não é o seu bem estar, mas do bem de todos. Este governante deve ser um homem politicamente justo, pois este tem como prioridade fundamental levar a todos a vida feliz, justiça e ética devem ser algo intrínseco a ele. Pois o que o representante do povo deve buscar para a sociedade é a felicidade para todos, e o que está em questão não são as particularidades, mas o bem de toda a comunidade.

A justiça faz-se com o Estado, faz-se no Estado. O Estado é meio suficiente para poder dar vazão a realização da felicidade geral, para proporcionar o alcance da virtude maior, para possibilitar a o alcance do Bem Comum, de modo que em Platão significa tão-só e exclusivamente o Estado ético. O mau governante não cumpre sua função, e, portanto, deixa de representar o que deveria para a coletividade. Ética e política caminham lado a lado em significado na teoria política platônica. (BITTAR, 2008, p.67)

Respondendo o primeiro questionamento: "O governo é a autoridade que exerce o poder político e que é delegada pelo soberano" (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, p.211,1999). Aqui foi apresentada a forma mais clássica de conceitua governo, mas para More só a definição não é bastante, pois a verdadeira forma estaria na prática, ou seja, como ele exerce as funções delegadas para ele pelo povo.

Diferentemente de More, para Nicolau Maquiavel, o governante ideal deve ser aquele homem que para se manter no poder é alguém que seja capaz de fazer tudo, ou seja, não importa a forma que ele exerce para se manter no poder. Nessa perspectiva os fins justificam os meios, em outras palavras, se for preciso fazer guerra para obter a paz que haja guerra, se é necessário mentir para se chegar à verdade que haja mentira "Um príncipe não deva, portanto, não se preocupar com a fama de cruel se deseja manter seus súditos unidos e obedientes" (MAQUIAVEL, 2001, 1996, p.97)

O princípio segundo o qual os meios justificam os fins pode gerar na sociedade um verdadeiro campo de batalha, pois o comum não seria visado, mas sim o individual. Pois para Thomas More o que está em primeiro lugar é o bem

comum. "Os habitantes das cidades tratam aqui o princípio do bem comum da comunidade" (MORE, 1984, p.223)

Assim, o fim último do homem não seria possível, pois só soberano que é o representante do povo é que seria o beneficiado, enquanto a sociedade seria oprimida e extorquida. Por tanto, essa seria a maneira mais grosseira de se governar e mais desonesta e também violenta.

Já em Hobbes, o Estado para ser bom e honesto tem que ser governado por um Soberano que seja capaz de criar ou desfazer as leis e regras, ou seja, nessa visão todos os cidadãos em vista do bem passam todos os seus direitos e liberdade para esse governante. Portanto, nessa perspectiva todas as decisões serão tomadas pelo Soberano, que pode ser um homem ou uma assembleia:

O Soberano de um Estado, que seja uma assembleia ou um único homem, não se encontra sujeito as leis civis. Dado que tem o poder de fazer e revogar as leis, pode quando lhe aprouve liberar-se dessa sujeição, revogando as leis que os estorvam e fazendo outras novas; por consequência já era livre. (HOBBS, 1999, p.208)

Na concepção de More, essas formas de governo que foram apresentadas acima não seriam as mais solícitas, pois elas gerariam um ditador e isso não seria bom para a sociedade. O bom governante não é aquele que humilha ou oprime, mas é um homem que se preocupe primeiro com as necessidades de seu povo.

Assim, o representante do povo deve ser aquele que se preocupa com todos, e este não pode ser diferenciado dos outros cidadãos. As diferenças citadas acima na verdade correspondem aos privilégios do governante. Assim como os antigos, More utiliza também o termo virtude em sua filosofia política. Na verdade, essa virtude está ligada de forma intrínseca ao governante, seria uma pessoa de capacidade de fazer sempre o bem para todos dentro do sistema social. Essa forma de pensamento estaria ligada ao platonismo, ou seja, às ideias de Platão, isso segundo Bittar:

O virtuoso platônico tem a ver, com o domínio das tendências irascível e concupiscível humanas, tudo com vistas à supremacia da alma racional. Então, virtude significa controle, ordem, equilíbrio, proporcionalidade [...]. (BITTAR, 2009, p.113).

Enquanto, o modo de agir para com seus súditos e a sociedade está basicamente em um sistema de interação, ou seja, é como se fosse uma grande

comunidade onde todos tinham os mesmos direitos, e o governante não é melhor ou maior, mais, igual. E quanto à forma de escolher o governante ou príncipe seria de forma democrática, ou seja, todos teriam o direito de escolher. A partir dessa escolha, o representante do povo ou Estado seria vitalício. E a única maneira dele ser deposto seria por corrupção ou por suspeita de forma de governo ditatório.

Quando se trata da eleição do príncipe, todos os sifograntes, em número de duzentos, depois de prestarem juramento de elegerem o cidadão mais experiente e apto, proclamam príncipe, em escrutínio secreto, um dos quatro homens propostos anteriormente pelo povo. Cada uma das quatro seções da cidade elege um representante à eleição, pra tomar lugar no conselho. O principado é vitalício, a menos que o príncipe seja deposto por suspeita de tentar instaurar a tirania. (MORE, 2000, p. 58).

Esse sistema é representado por More como modelo ideal e isso ele deixa bem claro em sua Utopia. Portanto, pode-se perceber que uma distinção entre Thomas More e os dois pensadores citados acima, pois tanto Hobbes como Maquiavel transmitem o soberano distante da sociedade, enquanto More faz uma junção entre o magistrado e a sociedade, a ponte deste ser chamado amigo do povo.

Nessa perspectiva, o representante do povo é visto na política de Thomas More como alguém que está com a sociedade, ou seja, um homem do povo. E quanto à forma de tomar as decisões é algo bastante pensado e refletido, não se acontece de qualquer forma, tudo tem seu devido momento. Na verdade esse meio de tomar decisões utilizadas na filosofia de More é para garantir que as deliberações não possam ser contraditórias, assim não falar o que vem na cabeça, pois se houver atitudes erradas todos irão sair perdendo e isso não pode acontecer. As decisões, segundo More, devem ser primeiro colocadas na assembleia para que todos possam tomar conhecimento e depois de três dias é que devem ser votadas, dessa forma não tem como tomar ou aprovar leis que iram prejudicar a sociedade.

A lei quer que as moções interesse geral sejam discutidas no senado três dias antes de ir a votação e de ser convertida em decreto o projeto. Reunir-se fora do senado e das assembleias do povo para deliberar sobre os negócios públicos é um crime punido com a morte. (OS PENSADORES, 1984, p.226)

Na concepção de Thomas More, aqui estaria, na verdade, a atuação do verdadeiro e bom governante, pois as atitudes tomadas para o bem da comunidade não são elaboradas de qualquer forma. Portanto, isso é de fundamental importância

para o bem de todos os cidadãos, inclusive o do governante, pois este deve ser bem visto diante de todos. "Deste modo, preservam-se a reflexão e a sabedoria, impedindo a precipitação obstinada" (MORE, 2010, p.59)

2.2 As Leis

Para que uma sociedade seja bem organizada é necessário que elas contenham regras e normas, estas têm como finalidade estabelecer a ordem entre os indivíduos, mantendo a harmonia entre todos. Portanto, essas leis não podem deixar de existir dentro da sociedade, pois isso geraria um caos social. O que são leis? Como Thomas More apresenta essas leis em uma sociedade Ideal? E qual a sua função?

A lei é uma norma jurídica ditada por uma autoridade competente, em geral, é função que recai sobre os legisladores dos congressos nacionais dos países, com prévio debate e o texto que a impulsiona e que deverá observar um cumprimento obrigatório por parte de todos os cidadãos, sem exceção, de uma Nação, porque da observação destas dependerá que um país não termine transformado numa anarquia ou caos⁴

Como foi dito acima, as leis são elaboradas pelas autoridades com a finalidade de garantir e manter a ordem, e a instância que faz essas leis serem reconhecida é o Estado, que tem a autonomia de fazer com que elas sejam cumpridas e válidas. Nesse sentido cabe ao Estado ditar o que é direito ou não, e os meios utilizados são pela força e punição.

Mas, as leis apresentadas no Estado Ideal de Thomas More não são vistas do mesmo modo visto acima, e sua maneira de ser exercida não é pela força muito menos pela punição. Na verdade elas têm como finalidade lembrar os indivíduos de seus direitos e deveres.

Quanto ao ordenamento jurídico e a organização e disposição das leis, na ilha de Utopia destaca-se o seguinte: as leis são promulgadas com a finalidade de que cada qual seja advertido de seus direitos e também de seus deveres; as leis não se multiplicam em infinitas disposições normativas, pois são em número pequeno e, não obstante, são suficientes as instituições e a sociedade. (BITTAR; ALMEIDA, 2008, p.275)

⁴ Cf. disponível em: < <http://queconceito.com.br/lei> > Acesso em 26/08/13

Isso quer dizer que não é a quantia de normas ou regras que irá estabelecer a ordem na sociedade, mas sim a maneira como ela é exercida. Em Utopia as leis são mínimas, ou seja, não existem muitas leis, pois na visão de Thomas More, quando elas são de forma exagerada elas não são conhecidas por todos e isso irá confundir as pessoas, pois como é que se pode fazer aquilo que não conhece.

Portanto, enquanto menos for às regras de conduta mais será fácil para serem cumpridas pela sociedade, essa forma, elas se tornam claras e acessíveis para todos os cidadãos. Sua função é fazer com que cada um faça aquilo que lhe é de dever, assim haverá justiça e paz. "As leis são promulgadas, dizem os utopianos, com a única finalidade de que qual seja advertido de seus direitos e deveres". (MORE, 1984, p. 276)

Deste modo, no Estado Ideal de Thomas More não é quantidade de leis que forma o homem e nem mesmo garantirá a ordem para a sociedade, e elas devem ser em número mínimo, pois assim, facilitará em sua execução e todos poderão conhecer. Deste modo, se elas forem apresentadas em grandes números não terão serventia alguma, pois as pessoas não podem conhecê-las e assim, não as cumprirão.

2.3 Sociedade e a forma de trabalho

O homem, isoladamente, não produz e nem faz nada, por isso é necessário a relação com os outros e isso só poderá acontecer na sociedade. Mas o que é sociedade? E para que ela seja justa, quais os meios que devem ser utilizados? E quanto à forma de trabalho qual seria o melhor sistema econômico? E no Estado Ideal?

O termo sociedade tem sentido amplo e complexo, pois há vários tipos de sociedade, como por exemplo, a sociedade capitalista, comunista e a socialista, mas a que será aprofundada será a última, não porque as outras não sejam importantes, mas é que mais se assemelha com a sociedade de Thomas More.

Mas, é preciso entender que esse socialismo apresentado aqui não é o que Marx apresenta, pois para Marx esse seria um caminho para o comunismo e Thomas More não apresenta isso de forma alguma. Feitas essas colocações de distinção

entre sociedade de Karl Marx e More, agora será apresentada a sociedade ideal na compreensão moriana.

A sociedade apresentada em Utopia, por More é uma sociedade sem classes, ou seja, não existe nem ricos nem pobres, mas uma grande comunidade de pessoas, onde todas possuem os mesmos direitos e deveres. E, quanto à forma de organização acontece da seguinte maneira: as famílias se juntam em grupo de seis mil, formando assim uma comunidade onde cabe ao mais velho comandar a todas as outras, podendo também ser chamada de sociedade Patriarcal.

Em primeiro lugar, a cidade compõe-se de famílias, e as famílias estão unidas, na maior parte dos casos, por laços de parentesco. As mulheres, quando casam, na idade legal para o casamento vão viver na casa dos maridos. Mas os filhos varões e sua descendência ficam com a sua família paterna e são governado pelo mais antigo membro da família, que é substituído pelo mais antigo membro da família, que é substituído pelo mais próximo em idade, no caso de os anos lhe afetarem e inteligência. (MORE, 2010, p.64)

Essa preferência pela pessoa idosa ou o mais velho não deve ser entendida como desprezo pelos mais novos, eles também têm seus valores, mas na visão de Thomas More, quando faz essa exaltação dos mais velhos corresponde ao fato que eles são mais preparados e dotados de mais conhecimento. Portanto, esses sábios anciãos são considerados os mais preparados para orientar as famílias.

Enquanto as artes dos ofícios, ou seja, a maneira de ou modo de trabalho é totalmente diferente dos outros povos, a principal atividade econômica são as atividades agrícolas, mas não quer dizer que outras funções também não podem ser exercidas. Nessa sociedade, o sujeito é livre para escolher ou fazer aquilo que lhe faz bem. "Agricultura é arte comum a todos os utopianos, homens e mulheres, e a atividade em que todos são igualmente peritos e hábeis". (MORE, 2010, p.59). Na verdade, o motivo pelo qual tanto os homens como as mulheres especialistas na forma de trabalho, o motivo é que desde cedo são ensinados nas escolas e no dia-a-dia, portanto isso facilita as atividades no decorrer de suas vidas. Com relação às funções ou forma de trabalho está muito ligado à profissão dos pais, ou seja, geralmente os filhos seguem as atividades de seus pais.

Em geral cada um é adestrado na profissão de seus pais, porque é habitualmente a natureza que inspira o gosto desta profissão, entretanto, se alguém sente mais aptidão e é atraído por outra, passa a fazer parte, por adoração, de uma das outras famílias que a exercem. Seu pai, de acordo

com o magistrado, trata-se de coloca-lo a serviço de um pai de família honesto e responsável. (MORE, 1984, p.228)

Mas, a sociedade apresentada por More não se preocupa só com o trabalho, uma boa educação deve está presente em suas vidas, pois a educação de fato contribui para exercer as virtudes, e assim fazer dos seus cidadãos bons e honestos. Agora serão mostradas algumas coisas que no pensamento político de More não seria agradável para a sociedade e sim fatores que contribuem para a desigualdade entre as pessoas.

Na visão de Thomas More umas causas que contribuem para a desigualdade entre as sociedades e seus indivíduos são instituições privadas, em Utopia estas são abolidas, pois para More, elas são fatores que favorecem para o aumento da pobreza, pois há poucos que acumulam muito, deixando a maioria quase sem nada. Portanto, para que não haja essa desonestidade de bens entre as pessoas todos os cidadãos devem comungar dos mesmos ideais que é o bem comum "tudo é para todos".

Além das instituições privadas que, segundo Thomas More deve ser excluída da sociedade para que ela seja justa, em sua visão, esses itens são coisas perniciosas. Na verdade, esses dois itens não é necessário no Estado Ideal, o motivo é porque este na concepção More não tem nenhum valor:

O ouro e a prata não têm, nesse país, mais valor do que lhes deu a natureza. Esses dois metais são ali considerados bem abaixo do ferro, o qual é tão necessário ao homem quanto a água e o fogo. Com efeito, o ouro e a prata não tem nenhuma virtude, nenhum uso, nenhuma propriedade cuja privação acarrete um inconveniente natural e verdadeiro. Foi a loucura humana que pôs valor na sua raridade. (MORE, 1984, p.246)

Apresentado os fatores que para More gera a desigualdade entre as pessoas, agora serão mostradas as atividades que são exercidas no Estado Perfeito e a forma como elas são divididas. As atividades onde quase todos são especialistas ou que todos tem que exercer a agricultura, pois esta é atividade principal da sociedade pensado por More. E o tempo de trabalho é bem dividido:

Há uma arte comum a todos os utopianos, homens e mulheres, e da qual ninguém tem o direito de isentar-se, é a agricultura [...] Os utopianos dividem o intervalo de um dia e de uma noite em vinte e quatros horas iguais. Seis horas são empregados nos trabalhos materiais; eis a sua distribuição. Três horas de trabalho antes do meio dia, depois almoçam. Depois de meio dia, duas horas de repouso, três de trabalho, em seguida jantam. (MORE, 1984, p.227)

A quantidade de tempo, apresentada acima, é suficiente para a realização do trabalho, isso faz que só se produza o necessário. Os outros momentos são livres para que os cidadãos possam exercer outras atividades, mas isso não é tido como algo obrigatório. Com a quantidade de tempo estabelecida ninguém reclama dos horários, pois todos seguem o mesmo horário.

Portanto, segundo Thomas More esse seria a melhor estrutura social para uma sociedade, pois nela não há classes sociais, enquanto a forma de trabalho e divisão dos horários são os mais justos possíveis. Assim ninguém iria fazer objeções ou reivindicações, pois não existe nada para ser mudado.

2.4 Sistema Religioso

A religião é algo que não pode ser separado do homem, o homem é um animal religioso por natureza, na história da humanidade, todas as sociedades tiveram ou têm uma crença em deus.

Manifestação tipicamente humana é a religião. Ela não está presente nos outros seres vivos, mas somente no homem. E é manifestação que, se abarcamos a humanidade inteira seja com relação ao espaço quanto ao tempo e não somente este ou aquele outro grupo de época histórica particular, assume proporções notabilíssima. Os antropólogos informa-nos que o homem desenvolveu atividade religiosa desde a sua primeira aparição na cena da história e que todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural cultivam alguma forma de religião. (MONDIN, 2008, p.224).

Na verdade, isso quer dizer que não importa o meio onde o homem viva ou esteja, pois a religião sempre fará parte se sua vida, logo que também a religião é um dos fatores que diferenciam os homens dos outros animais. Em Utopia, a religião é descrita como algo positivo, ou seja, Thomas More utiliza a ideia de Deus. "Este Deus é chamado pai; é a ele que atribuem as origens, o crescimento, o progresso, as revoluções e o fim de todas as coisas". (MORE, 1984, p.295).

O Deus apresentado por More em sua Utopia tem quase as mesmas características do Deus dos cristãos, pois este é anunciado como "Onipotente" e "Universal", no Estado apresentado por More, as pessoas também podem ser adeptas de outros deuses, eles são livres para professarem sua fé em outras

divindades, mesmo diante dessa diversidade religiosa, todos adoram e acreditam em Deus criador de todas as coisas.

Enquanto a forma de prestarem seus cultos ou as suas divindades é algo bastante diferente das outras religiões, pois os tempos são os mesmos, não existe templo específico para fazer ou expressar suas crenças. Aqui pode ser percebida uma grande tolerância religiosa. Os clérigos têm dentro da sociedade apresentada por More muito prestígio, os motivos são diversos, logo porque cabe a eles um dos papéis fundamentais que é a de ensinar os jovens a terem boa educação, na verdade, os sacerdotes de Utopia são grandes pedagogos. Outro motivo que faz com que eles sejam admirados é pelo testemunho de vidas que demonstram para o povo, e também porque são em mínima quantidade. Estes são homens virtuosos e cheios de conhecimentos, por isso é que são importantes para a sociedade.

A educação da infância e da juventude é confiada ao sacerdote, para quem os primeiros cuidados são para o ensino da moral e da virtude e preferência ao das ciências e das letras [...] não há magistratura mais honrada que o sacerdócio. A veneração que se dedica aos padres é de tal modo profunda que, se algum deles comete uma infâmia, não comparece em juízo mas é abandonado a Deus e à sua própria consciência. Os utopianos não julgam permitido tocar-se com mão mortal aquele que foi consagrado a Deus, como uma coisa inviolável e à parte. (MORE, 1984, p.30)

Assim como as classes dos anciões os sacerdotes também não exercem funções na área de agricultura, eles não trabalham no campo, mas suas funções dentro da sociedade são de extrema importância.

Portanto, as estruturas apresentadas aqui como a forma de governo, a estrutura social, as leis e regras e o sistema religioso foram o que Thomas More utilizou em sua Utopia como modelo Ideal. Em sua visão este seria o melhor, pois isso de fato iria trazer para a sociedade a felicidade e vida "boa". Aqui não existe opressão nem classes sociais, mas, uma grande comunidade aonde tudo é dividido para todos e em partes iguais.

3 AS IFLUÊNCIAS DA FILOSOFIA POLÍTICA DE MORE NA ATUALIDADE

Este capítulo terá como objetivo principal mostrar as implicações da filosofia política de Thomas More na atualidade e baseado em sua obra *Utopia* fazer uma relação com um movimento social contemporâneo o MST. E tentar ver os pontos divergentes entre ambos, como também a distinção entre sonho e utopia.

3.1 Influências de More na Política atual

Como foi apresentado nos capítulos anteriores, Thomas More em sua *Utopia* apresenta duas coisas importantes: às críticas ao governo de sua época, mas também uma estrutura do Estado Ideal Perfeito. Apesar de o seu pensamento ser do século XVI, tem uma grande influência nos dias atuais.

Do século XVI até hoje, a utopia foi vivida e alimentada de todas as formas nos diferentes pontos do planeta. A história registra os vários movimentos e modelos de sociedade e de Estado que povos de todo o mundo criaram, viveram, buscaram. Desde a época de Morus até agora a humanidade tem vivido ou assistido a guerras e conflitos diversos a favor ou contra as variadas formas de política e economia que foram surgindo ao longo dos séculos. Tudo em nome de anseios e desejos de bem estar comum ou individual, conforme a utopia de cada um, de cada nação ou de cada governante em nome de sua nação. (SILVE, 2003, p.1)

Essa influência deve ser entendida como alternativa as realidades políticas contemporâneas, pois o panorama política atual, não é nada agradável, quando se observa as realidades da sociedade. Os fatores que contribuem para isso acontecer é muito visível. As crises que acontecem no sistema político do Estado estão levando as pessoas a terem uma verdadeira aversão à política. O Estado hoje não é mais também bem visto, pois este tinha na verdade a função de garantir a ordem e progresso para as comunidades, mas isso de fato não está acontecendo, não porque o Estado esteja limitado, mas devido às condições para isso, esta limitação do Estado está na forma em que o poder esta sendo transmitido.

Outro fator que também influencia a crise no mundo da política, como os grandes casos de corrupção no sistema político, aqui merece ser enfatizado o Brasil. Este país, por sua vez, é um dos mais notáveis com relação aos acontecimentos de crise na política, pois os casos de corrupção são os mais exagerados de todos os outros países.

A ojeriza da opinião comum a política decorre do histórico mau uso do poder, sobre tudo na experiência política brasileira, cenário onde sempre se confundiram os interesses privados e os interesses públicos, numa espécie de exercício de alternância de elites econômicas e circunstância favorecidas. (BITTAR, 2008, p.14).

Portanto, devido a essa forma de transmitir a política como algo que busca o fim individual, faz com todos passem a repudiá-la e assim não querem mais fazer parte dessa estrutura corrupta, mas no decorrer da história a verdadeira função da política não é essa, mas é a de garantir as bases necessárias para que o cidadão viva da melhor forma possível.

Diante desses fatos apresentados acima como descaso e triste realidade da política atual, a filosofia política de Thomas se torna de grande importância para os dias de hoje, para os comentadores de Thomas More, pois esses acreditam que sua filosofia política, como uma alternativa aos modelos políticos contemporâneos que falharam, por exemplo, o comunismo e o socialismo. Essa sua influência não está na prática concreta, mas na formação da consciência política. Em seu pensamento, More apresenta um sistema político voltado para o bem de todos e nunca para o individual, portanto, sua Utopia é algo bastante relevante para os dias de hoje.

Sendo assim, o sujeito utópico de hoje se empenha em atingir a plenitude humana por via da ação política, já que atualmente para a maioria dos que se preocupam com o assunto, a utopia não é considerada somente um sonho, mas uma verdadeira tomada de consciência diante das problemáticas político-sociais. O que é importante, diante de tudo isso, é que tanto na fantasia como na prática política, a utopia ajuda o homem a sobreviver, levando-o a criar novos mundos, reais ou imaginários, que o projetam rumo a um futuro certo, um futuro promissor em direção ao qual toda a humanidade sempre esteve voltada. (SILVE, 2003, p. 4).

Para os contemporâneos, como Silve utopia não pode ser entendido como algo que não exista ou somente um sonho, mas um ideal de vida, pois Thomas More diante da triste realidade de sua época, ele elabora em sua obra principal uma estrutura política que de fato contrariou as formas de governo de sua época. Mesmo diante da desordem política, More não ficou de maneira alguma estático diante dos problemas de seu tempo, mas tentou resolvê-lo. Então sua filosofia política é uma fonte de grandes reflexões para reestruturar as políticas desde novo tempo.

A utopia de More para os dias de hoje poderá ser de grande ajuda para melhorar as formas de governo, pois, diante destas desordens políticas existe ainda um sonho e serem conquistados.

A Utopia hoje não é mais a denominação de uma ilha distante e imaginária, ou seja, um "não lugar", mas sim, a concretização através das lutas e reivindicações do mundo atual. (SILVA, 2003, p.3).

Portanto, conclui-se que esse sonho é relativo ao modelo de Estado e a mentalidade das pessoas de todos os países que podem, ora acreditar nesse sonho, ora repudiar, por achar isso impossível de ser realizado, pois, a corrupção está em todos os níveis de governo. Enfim, utopia é sinal de ética, honestidade, e a esses ideais utópicos devem ser vivenciado nas estruturas políticas atuais.

4.2 MST como Utopia Contemporânea

A utopia como já foi mostrada é a obra principal de More, e é nela que More estrutura a sua filosofia política. Na verdade essa forma de pensar a política de forma honesta sempre foi palco de estudos em todas as épocas, e na atualidade isso não foi diferente, nos dias de hoje pode-se encontrar diversas utopias. Mas aqui irá se deter somente a uma. Esta utopia será o movimento sem terra (MST), porque as ideias do movimento são idênticas as de More, ou seja, tanto um como o outro refletem sobre a visão de bem comum, isto é, a propriedade dividida para todos. Por isso o MST pode ser considerado uma utopia contemporânea.

Mas, para isso é necessário conhecer primeiro um pouco sobre a cultura do movimento. A origem e sua forma de ver o mundo e a sociedade, a origem do MST é um sistema social que em meados dos anos 80, na verdade eram grupos de pessoas que não se confirmavam com as estruturas políticas de sua época principalmente com relação às terras, pois existiam pouco que tinham e muitos que não tinham quase nada.

No contexto de ausência do Estado na gerência das políticas sociais, o MST se coloca como um ator social fundamental de combate às práticas neoliberais e negligência do Estado. A palavra de ordem "Reforma Agrária: por Justiça Social e Soberania Popular" defende a reforma agrária como uma demanda essencial para o combate ao latifúndio, através da denúncia do problema da terra como um problema político, ou melhor, do modelo político-econômico voltado para a exclusão social, concentração de terras e manutenção das desigualdades. (BARROS, 2005, p.2)

Sua história é marcada por lutas constantes, pois os sistemas predominantes não acolhiam essas propostas, porém, mesmo diante dessas dificuldades, como a

de aceitação do movimento dentro da sociedade não foi capaz de imitar o grupo a continuar o sonho de igualdade de terras a todos diante de seus ideais sócio-político. Este movimento foi fruto de uma reflexão em prol de uma sociedade mais igualitária e do sistema governamental mais honesto que tem como foco principal a Reforma Agrária o que não é muito diferente de como pensava Thomas More na sua época. "A história permite um olhar em torno das bases de formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) como uma organização social política em torno da luta pelo direito a terra". (BARROS, 2007, p.10).

Os seus objetivos estão lançados sobre três aspectos, primeiro é lutar pela terra, o segundo lutar pela reforma agrária e por fim fazer com que a sociedade seja mais justa e fraterna a todos. O foco maior aqui é de garantir sustentabilidade da comunidade e isso só será possível com a distribuição de terras, sendo a agricultura como meio de sustentabilidade. No entanto, isso não é de esse ideal de distribuição de terras, mas é o sonho de todas as sociedades e de filósofos que também defendiam um ideal igualitário entre os indivíduos sendo seu direito a sociedade. "A agricultura, é um dever imposto a todos, ensina-se a cada um, um ofício especial". (MORE, 1984, p.227).

Este trecho tirado da Utopia de More se vem reforçar que os ideais seguidos pelo MST, não é algo novo, mas algo que desde sempre as sociedades e homens honestos já almejavam, ou seja, sobre questões de terras e da relação dela com a agricultura como base fundamental da sociedade.

Assim, depois dessa visão do MST e seus objetivos pôde ser constatado que há pontos de em comum, como por exemplo, a ideia de distribuição de terra a todos e o bem comum, entre o MST e o pensamento de More, diante disso, será aprofundado essa relação da utopia de Thomas More e o movimento dos trabalhadores (MST)

O MST é o sujeito do movimento que constituiu não somente pela necessidade de sua formação como veículo de resistência e reivindicação, mas também como um processo de luta descrito na história do trabalhador rural no Brasil. O processo de alcance a terra descrito pelas ocupações, assentamentos, educação, marchas e coalização permitem a construção de um coletivo de indivíduos que são produtos do modelo de sociedade atual, visto não só pela atitude e ideais, mas também nas práticas sociais e no conceito de coletivo. (BARROS, 2007, p.18).

Assim como a Utopia de More foi à contradição de sua época também o MST é motivo de contradição para a atualidade, pois nasceu diante das estruturas

políticas desumanas e opressoras. Este movimento foi fruto de uma reflexão em prol de uma sociedade mais igualitária e do sistema governamental mais honesto que tem como foco principal a Reforma Agrária. A princípio, o chanceler inglês, não era uma pessoa conformada com a política de seu tempo, pois havia bastante desigualdade. Nesse período já tinham grandes concentrações de terras e propriedades na mão de poucos, portanto, isso também influenciou nosso filósofo a refletir sobre esses acontecimentos para diante disso criar novas possibilidades para alcançar uma vida feliz.

Na Inglaterra, além da repercussão das questões de cunho religioso, durante o século XVI, começou a despontar uma economia centralizada na produção de lã, que acabou por gerar excessiva concentração de terras e de rendas, acentuando ainda mais as sensíveis disparidades sociais. Este fato econômico haveria de marcar profundamente as preocupações de Thomas More. (BITTAR, 2010, p.269)

Como deu perceber, uma das coisas que marcou na filosofia política de More foi justamente fatores com relação a terra, pois começava nesse período grandes acumulações de terras. Portanto, isso só confirmava que a luta do MST não é em vão, pois esse tipo de pensamento já vem sendo defendido a muito tempo, como é o caso de Thomas More, nesse sentido o MST é uma atualização do pensamento de More. Para perceber que essas questões com relação à reforma agrária já vêm de muito tempo, pode-se dizer que More foi o primeiro a ter uma visão mais abrangente com que corresponde a divisão da terra e na contemporaneidade esse papel de reflexão cabe ao MST.

Em sua filosofia Thomas More era contra os latifundiários, ou seja, pessoas que tinham grandes quantidades de terras. Isso também pode ser constatado nos ideais do MST, pois para eles não é justo somente uma minoria ficar com quase tudo, pois a verdadeira justiça está em: que todas as pessoas possam ter tudo em partes iguais, portanto, isso é viver em comum.

Assim como em utopia não existe as propriedades particulares ou individuais, tudo é de todos e para todos, sendo assim aonde há concentração de terras, pode-se observar mais visivelmente as desigualdades sociais, em outras palavras, a chance de acontecer corrupção é mais fácil, por isso elas não devem existir na sociedade, na verdade isso é um mal para todos. Essa mesma forma de pensamento de Thomas More é idêntico ao pensamento do MST, pois o

pensamento de ambos converge que as propriedades privadas são um mal para a sociedade pelo fato que geram as injustiças e outros males, por isso elas devem ser banidas do meio social. Com esse posicionamento fica claro o ponto de convergência entre More e o MST, a aversão ao acúmulo de terra.

Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual fortuna pública é a presa dum punhado de indivíduos ensaiáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria. (MORE, 1984, p. 205).

Em utopia é produzido não para o bem próprio mais para toda a comunidade, quando chega o tempo da colheita todos se reúnem e em só dia fazem todo o trabalho, aqui se percebe o espírito de comunhão entre a sociedade, isso também pode ser percebido nos tempos de hoje, e quem faz isso é o MST. Assim, depois da colheita tudo é levado para um grande mercado, onde cada representante de família pegar aquilo que lhe é necessário, a forma de trabalho é elaborada de tal forma que não se produz mais do que o suficiente, nem sobra e nem falta, o tempo de serviço só de seis horas três na parte da manhã e outro na parte da tarde. “Esse curto tempo e trabalho é mais do que suficiente para a abundância e ao bem-estar”. (MORE, 2000, p. 61).

É no trabalho que More vê todo potencial de emancipação em Utopia: - não se deve crer que os utopianos se atrelam ao trabalho como bestas de carga desde a madrugada até a noite. Esta vida, embrutecedora para o espírito e para o corpo, seria pior que tortura e a escravidão. E, no entanto, tal é, em outra qualquer parte, a triste sorte do operário! (MORE, 2007, p.68).

Na cidade dos utopianos ninguém é dono de nada, todos têm direitos iguais, da mesma maneira isso ocorre nos assentamentos do MST, onde nem mesmo em suas casas, pois de tempo em tempo as famílias mudam de casas para assim não terem em sua mente a consciência de posse mesmo porque não existe diferença entre as cidades nem mesmo as casas são diferentes todas são idênticas o que tem em uma tem na outra.

Acima foram citadas duas coisas importantes sobre o pensamento político de More que foi o trabalho coletivo e a propriedade. Assim, nos assentamentos do MST essas funções são as mesmas até mesmo as casas, pois todas são iguais à diferença é que cada família permaneça para sempre e More somente por certo

período. Outro ponto importante dessa relação de utopia e MST encontra-se até mesmo na forma de trabalho, pois o trabalho coletivo é algo que a comunidade do MST não despreza. Tanto em More como no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra o que prevalece é a parceria entre os cidadãos, ou seja, a comunidade, tudo é feito em comunidade, isso para os trabalhos agrários.

O trabalho é essencialmente familiar em Utopia. Valores e deveres, posturas e habilidades necessários ao desenvolvimento de um ofício são despertados nos jovens como processo de inserção no feixe de relações sociais produzidas. O trabalho é o fundamento sobre o qual se elevam todas as relações sociais. (MATA, 2006, p.250)

Portanto, os trabalhadores em grupo além de garantir a melhor mão-de-obra servem também para que haja um bom convívio entre os cidadãos, favorece laços de amizade na sociedade, pois isso é importante porque o que está em jogo aqui é a felicidade de todos.

3.2 Utopia, Sonho ou Realidade?

Atualmente muitas questões tem se levantado a respeito da expressão “utopia”. E as perguntas que são lançadas são: “utopia” é um sonho ou realidade? Em consideração a essas especulações citadas acima aqui será explicado como essas perguntas devem ser respondidas.

Assim, esse termo ou expressão foi primeiro utilizado por Thomas More em sua principal obra que é a Utopia, isso nos séculos XVI, porém a reflexão não ficou presa ao seu tempo. O significado dessa palavra quer dizer lugar que não existe isso em sentido grego, mas nos últimos séculos este significado ganhou novas interpretações.

Os principais questionamentos ou especulações sobre a utopia é tentar saber se ela de fato pode ser é um sonho ou realidade. Alguns autores contemporâneos como Coelho, dizem que sonho e utopia são coisas diferentes, onde um pode ser realizado, mas a outro não, uma é irreal e a outro é real.

(...) não é delirante, nem fantástica. Ela em parte, sim, de fatores subjetivos, num primeiro momento, apenas no âmbito do indivíduo. Mas, a seguir, ela se nutre dos fatores objetivos produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante, que funcionam

como elementos mediadores no processo de passagem para o diferente a existir amanhã. (BARROS, 1980, p. 9)

Na verdade a utopia seria uma reflexão a respeito do que se vive, ou seja, uma vontade de mudança é uma meta a ser alcançada. Também pode ser entendido como uma necessidade de transformação das realidades atuais em uma futura. A utopia é um passo para uma ação de mudar as estruturas presentes e em outras melhores, é um desejo de mudança é uma não-conformação com aquilo que se vive. Portanto, ela é um objetivo a ser alcançado, é uma solução de problemas das realidades existentes, também se pode entender utopia como inconformismo a não aceitação do sistema opressor.

Mas a imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquele que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual, detendo-se exclusivamente para propor coisas como montanhas de ouro. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é possível de ser transformado. Mais: de ser melhorado. Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica. (BARROS, 1980, p.8).

Utopia não deve ser entendida somente como sonho ou algo que não seja concretizado, pelo contrário as vontades utópicas podem sim ser idealizadas, mas para isso é necessário à consciência da sociedade. Muitas vezes ela não se torna possível devido o meio aonde ela esta inserida, ou seja, às vezes os sistemas dominantes é que são a favor das utopias somente como algo que não se possa ser realizadas, isto é, um sonho. Pois com isso querem prender a sociedade a sociedade a não buscarem seus ideais.

Portanto, a utopia para ser efetivada ou concretizada só a sociedade é que pode fazer essa interpretação tudo mediante as realidades em que ela se encontra. Enfim utopia e sonho como foi apresentado acima não tem o mesmo significado são coisas diferentes e distintas. Por isso, a utopia tem que ser idealizada, pois assim a sociedade se reerguerá e alcançará o que mais buscou durante toda a história que era a felicidade.

5. CONCLUSÃO

A filosofia política de Thomas More vem apresentar que mesmo diante das realidades gritantes que os sistemas políticos transmitiram para a sociedade, em sua utopia, ele mostra que ainda há esperança, ou seja, a utopia dos sonhos ou de querer algo melhor e possível. A utopia está em cada indivíduo, ela é uma não conformação diante das tristes realidades de opressão, é um desejo de mudança, é um anseio pelo futuro. A utopia de More não é só um sonho, mas é um sonho de mudança e possibilidade para todos viverem melhor.

A pesquisa apresentada aqui demonstrou isso de forma bem clara, ou seja, baseado no pensamento de More deu para perceber que mesmo diante das estruturas opressoras ainda há possibilidade de transformação. No entanto, a filosofia política de Thomas More, não serviu somente para sua época, mas pelo contrário foi um marco histórico para possibilitar novas estruturas políticas em seu tempo, pois a medida que ele apresentava um lugar ideal para as pessoas viverem, também elaborou críticas às estruturas anteriores e isso com intuito de melhorar a maneira de viver da sociedade.

Assim, a filosofia de More não serviu somente para seu tempo, mas para as sociedades vindouras. Como foi analisado nesse trabalho. Thomas More não era um homem conformado com as estruturas de seu tempo, mas era uma pessoa que almeja novos rumos para o sistema político de sua época.

A forma de pensar as estruturas de governo quando é exercida de maneira coerente pode trazer para a sociedade felicidade e paz. Portanto, sua maneira de pensar a política deve ser refletida por todas as sociedades, agindo dessa forma talvez fosse possível viver de modo mais fácil e honesto.

Embora, sua filosofia não seja muito lembrada nas sociedades atuais, mas mesmo assim sua utopia transmitiu novos vieses para uma sociedade política que acha que as esperanças não existiam mais. Portanto, tendo como base o pensamento moreano e utopia pode se tornar realidade, basta à sociedade querer e lutar para que essas mudanças ocorram da maneira verdadeira e honesta.

Portanto, Utopia para ser efetivada ou concretizada só depende da sociedade querer, então utopia não só é sonho mais um ideal de vida e vida feliz, mas para isso

acontecer de fato todos tem que quererem e reivindicar para que isso ela possa acontecer no meio social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme Assis e BITTAR, Eduardo C. **Curso de Filosofia do Direito**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 251-260
- BARROS, Clarissa F. do Rêgo. **MST: historia luta e perspectivas**. Historia agora disponível em: <http://www.historiaagora.com/dmdocuments/artigo_MST.pdf>. Acesso: Out, 2013
- BITTAR, Eduardo C.B. **Curso de Filosofia Política**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 2008, p.80-84.
- CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. 13. ed. São Paulo Ática. 2006, p, 355-366
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 11. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1990, p. 191-194.(os pensadores).
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1973.(os pensadores).
- MORE, Thomas, **A Utopia**. 2. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____. **A Utopia**: 3.ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984.(Os Pensadores)
- MODIN, Batista. **Quem é Deus: Elementos de teologia filosófica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **O Homem Quem é Ele?**. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- NIETO, José Lino C, **Thomas More Um para a Eternidade**. São Paulo: Quadrante, 1987.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Historia da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 2007. 1v.
- _____. **Historia da Filosofia: Do Humanismo a Kant**. São Paulo: Paulus. 2v.
- ROUSSEL, Gérard; ANDRÉ, Durozoi. **Dicionário de Filosofia**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 1999.
- SILVA, Celeida Maria GOSTA, **Política Publica Educacionais e Assentamentos Rurais de Corumbá – MT (1984- 1996)**. Campo Grande, 2000. Disponível em:<http://?bdtcd.cbc.ufms.br/trdesimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2009-12-15T071120Z-533/Publico/Celeida.pdf>. Acesso em: Nov, 2013.
- SILVE, M.A. Rosineide Guilherme. **A Utopia, do século XVI até os dias de hoje**. Revista eletrônica de humanidades, Dez 2003 Disponível em:<http://publicações.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/430/422> Acesso: Nov, 2013.